

MISSÕES JESUÍTICAS ENTRE OS-GUARANIS: A COMUNIDADE, AS CELEBRAÇÕES E O PODER¹

JESUIT MISSIONS AMONG THE GUARANÍ: COMMUNITY, CELEBRATIONS, AND POWER

Maria Cristina Bohn Martins²

RESUMO

A partir das homenagens realizadas na Redução de São Borja, em novembro de 1760, em celebração à coroação de Carlos III da Espanha, este estudo analisa a conjuntura vivenciada pelos chamados Sete Povos das Missões diante do cenário instaurado pela assinatura do Tratado de Madrid (1750) e pela subsequente Guerra Guaranítica (1753–1756). Para tanto, toma como fonte principal o manuscrito anônimo *Breve relación de las fiestas reales de San Borja* (1760), produzido nessa redução por um dos jesuítas que participou das festividades em homenagem ao monarca. Ao contextualizar essa celebração e examinar seus significados rituais e simbólicos, o artigo busca refletir sobre as reorientações experimentadas pelas comunidades das reduções jesuíticas diante das novas configurações de poder e autoridade então em consolidação, destacando, entre as principais transformações, a redefinição da posição ocupada pelos jesuítas nesse contexto.

Palavras-Chave: Missões Guaranis. Festas. Ritual. Guerra

ABSTRACT

*Based on the tributes held at the Reduction of São Borja in November 1760 to celebrate the coronation of Charles III of Spain, this study examines the circumstances experienced by the so-called Seven Mission Towns in the wake of the Treaty of Madrid (1750) and the subsequent Guaraní War (1753–1756). Its principal source is the anonymous manuscript *Breve relación de las fiestas reales de San Borja* (1760), produced in the reduction by one of the Jesuits who participated in organizing the festivities honoring the new monarch. By contextualizing this celebration and examining its ritual and symbolic meanings, the article seeks to understand the political and social reorientations experienced by the mission communities in response to the new configurations of power and authority then taking shape. Among the most significant transformations, it highlights the redefinition of the role played by the Jesuits within the mission settlements amid the reconfiguration of relations between the Spanish Crown, the missionaries, and the Indigenous populations.*

Keywords: Guaranis Missions. Parties. Ritual. War

1 Esta é uma versão significativamente revista e ampliada pelo aprofundamento da pesquisa em novos documentos, manuscritos e editados, de um artigo publicado anteriormente (2013) sob o nome *As celebrações, a comunidade e o poder. Os faustos reais de Carlos III e os múltiplos sentidos das festas*, na Revista *Artheologie*.

2 Professora Titular da UNISINOS. Bolsista produtividade do CNPq. Endereço eletrônico: mcris@unisinos.br

INTRODUÇÃO

Em *San Francisco de Borja*, um dos Trinta Povos das Missões de guaranis dirigidas pelos jesuítas, a manhã de quatro de novembro de 1760 iniciou ao som de tiros de artilharia. O povoado estava, naquela oportunidade, servindo de quartel-general para D. Pedro de Cevallos³ e seus homens, entre eles, alguns oficiais da Comissão encarregada de demarcar os novos limites meridionais das monarquias ibéricas na América, em decorrência do Tratado de Madrid (1750)⁴. Logo cedo uma missa foi oficiada pelos padres José Inácio Umeres, Francisco Xavier Limp e José Cardiel, sendo que os dois últimos tinham adquirido notoriedade pela sua pública oposição ao referido acordo entre Portugal e Espanha.

Depois do ofício religioso — uma missa cantada à qual acorreram cerca de mil pessoas, entre “militares, vivandeiros y peones” —, foi servido um almoço especial ao governador e seus acompanhantes. Ao todo, eram quarenta pessoas, entre as quais se encontravam o Pe. Diogo de Horbegoço, o irmão Ruperto Talhamer, um frei cujo nome não foi registrado e que atuava como capelão dos oficiais, além do capelão do governador, pertencente à Ordem dos Mercedários, também não identificado⁵.

A refeição foi abundante, acompanhada de músicas entoadas em honra aos reis da Espanha por moradores das reduções de *San Tomé* e *Mártires* que se alternavam na apresentação. Entre outros estribilhos, um dizia: “Viva el Rey, triunfe e impere, quien a llenar de favores a la España viene”⁶. Segundo o autor do relato, embora os cantores da segunda fossem bons, os de Santo Tomé poderiam se apresentar em catedrais do reino. Ao final do “convite”, como sobremesa, foi oferecido “un jardin de arboles con dulces q. se cogia desde el principio al fin de las mesas”⁷. Durante a tarde, os militares dispararam uma nova salva de tiros, seguida por apresentações dos soldados e danças dos indígenas. À noite, meninos de dez a dize anos realizaram

3 Governador da Província de Buenos Aires de 1757 a 1766; com a criação do Vice-Reinado do Rio da Prata, em 1776, foi nomeado como seu primeiro vice-rei. Cevallos foi figura importante nas disputas militares travadas entre Portugal e Espanha no sul do continente americano, entre os anos de 1762 e 1777. Em 1762 e 1763, ele derrotou lusos e britânicos na Colônia do Sacramento, conquistando posteriormente as fortalezas de Santa Teresa e São Miguel (ROU), além de Rio Grande (RS). Em 1777, já nomeado primeiro vice-rei do Rio da Prata, ele comandou, ainda, a tomada da Ilha de Santa Catarina.

4 O Tratado, como sabemos, nunca foi executado, tendo sido anulado em 1761.

5 *Breve relación de las fiestas reales de S. Borja por um habitante de [?]*. Projeto Resgate. Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_ACL_O71, cx1, d. 20, f. 3. Nota: As referências que dizem respeito à historiografia serão apresentadas no corpo do texto, mas as que indicam fontes, comporão, devido à sua maior extensão e para fins estéticos e de padronização, as notas de rodapé.

6 *Breve relación de las fiestas reales de S. Borja*, AHU_ACL_O71, cx1, d. 20, f. 3.

7 *Breve relación de las fiestas reales de S. Borja*, AHU_ACL_O71, cx1, d. 20, f. 4.

apresentações para entreter as autoridades. O evento terminou com uma queima de fogos, reforçando o caráter solene da cerimônia e simbolizando a autoridade exercida sobre as comunidades missioneiras.

Provavelmente por serem realizadas em honra ao rei, Ceballos, embora indisposto, assistiu a boa parte das atividades daquele dia. A partir da manhã seguinte, porém, permaneceu recolhido durante os dias subsequentes, voltando a participar apenas da cerimônia de encerramento⁸.

De fato, os acontecimentos descritos, bem como outros que se sucederam ao longo de vários dias, celebravam a coroação de Carlos III⁹ da Espanha e o aniversário de sua esposa, D. Maria Amália da Saxônia¹⁰. Interessante, contudo, destacar a presença do governador, dos oficiais da Comissão Demarcadora e de sacerdotes não vinculados à Companhia de Jesus. Como pretendemos demonstrar neste trabalho, essa circunstância deve ser compreendida à luz da delicada conjuntura vivida pelas reduções e pelos jesuítas após o conflito de 1753–1756, conhecido como Guerra Guaranítica. Para tanto, recorreremos, sobretudo, a um documento anônimo, proveniente daquela missão e datado de 24 de novembro de 1760: a *Breve Relación de las Fiestas Reales de S. Borja*.

1 UM REI É FESTEJADO EM SÃO FRANCISCO DE BORJA

San Francisco de Borja, palco dos acontecimentos que mencionamos anteriormente, foi fundada, em 1682, numa região de planícies às margens do Rio Uruguai pelo Padre Francisco Garcia. Ela fazia parte de um conjunto de reduções em que viviam em torno de cem mil índios em 1767, quando os jesuítas foram expulsos dos territórios coloniais da Monarquia Castelhana. A missão era uma extensão de Santo Tomé, de onde saíram pouco mais de 190 moradores que deram início ao assentamento cujo nome homenageou o Duque de Gandia, Superior Geral da Ordem entre 1565 e 1572¹¹.

A “missão por redução” dos jesuítas entre os guaranis, tivera início em 1610 a pedido do governador Hernando Árias de Saavedra¹², numa ten-

8 *Breve relación de las fiestas reales de S. Borja*, AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 4.

9 Carlos III da Casa de Bourbon foi o responsável por algumas das mais importantes medidas das chamadas “reformas borbônicas”. Talvez a mais conhecida delas tenha sido a que ordenou a expulsão dos jesuítas da Espanha e das suas colônias pelo Decreto de 27 de fevereiro de 1767, tema diretamente relacionado à reflexão proposta neste trabalho.

10 A demora na chegada das notícias não permitiu a seus homenageadores tomar conhecimento de que a Rainha, vítima de tuberculose, falecera em setembro deste mesmo ano.

11 Francisco de Borja y Aragon (1510-1572), terceiro Superior Geral da Companhia de Jesus, foi canonizado em 1671 por Clemente XI.

12 Primeiro *criollo* a ocupar o cargo de governador nos territórios americanos da monarquia

tativa de pacificar uma região em que era forte a resistência dos nativos quanto ao trabalho servil¹³. A partir de então, com a fundação de *San Ignacio Guazu* e *N^{ra} S^{ra} del Loreto*, iniciou-se um processo que, marcado por conflitos, avanços e recuos, estabeleceu um conjunto que era formado, em meados do século XVIII, por 30 povoados com suas casas, igrejas, praças, oficinas e escolas, havendo no entorno de cada um, ainda, pomares, currais e terras de cultivo. Os habitantes de cada missão exploravam também erva mate como um importante recurso para exportação, além do gado criado em estâncias que forneciam carne para seus moradores.

Ao longo dos 150 anos seguintes, um número expressivo de guaranis passou a compor a população destas missões, embora, certamente, significativas parcelas deles não tenham sido “reduzidas”. São Borja, por exemplo, dois anos depois dos eventos a que aludimos neste trabalho, abrigava 2.714 “almas”, de acordo com o que escreveu ao Geral da Companhia, Lorenzo Ritti, em 1764, o P^{re}. Pedro Juan Andreu¹⁴. É sabido ainda, que nesta redução vivia um contingente significativo de indígenas não guaranis. Com efeito, parcialidades guenoas chegaram a habitar permanentemente setores específicos do povoado¹⁵.

Estáveis e prósperas, as reduções do Paraguai haviam ganhado fama como um modelo bem-sucedido de “civilização e catequese dos índios”, para usar uma expressão que traduzia de forma ampla seus objetivos¹⁶. To-

castelhana; foi governador do Rio da Prata e do Paraguai durante três períodos: 1597 a 1599; 1602 a 1609, e 1615 a 1618.

13 Segundo Bartomeu Meliá (1986, p. 31), há registros históricos de 25 rebeliões dos guaranis contra a colonização espanhola entre 1537-1616. Muitos destes movimentos foram uma reação ao regime de trabalho servil imposto pelos espanhóis aos nativos americanos, conhecido como *encomienda*.

14 Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, desde el año de 1756 hasta el año de 1762, enviadas por el padre provincial Pedro Juan Andreu, a nuestro reverendo padre general Lorenzo Ricci. In: CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUÍTICA DEL PARAGUAY 1714-1720. 1720-1730. 1730-1735. 1735-1743. 1750-1756. 1756-1762. Edición de SALINAS Maria Laura y FOLKENAND, Julio. Asunción: Centro de Estudios Antropologicos de la Universidad Catolica (CEADUC) Biblioteca de Estudios Paraguayos - v. 112, 2016, p. 813 – 840, p. 833.

15 De acordo com Jean Baptista, na missão de São Borja esta realidade está bem documentada, bem como o tratamento administrativo aplicado quando viviam diversos grupos étnicos em um mesmo povoado: a construção de um bairro missional, isto é, um ‘cacicado’. É o que ocorre com a criação do cacicado de Jesus Maria, dedicado aos Guenoas. Criado como uma missão para este grupo, ele tornou-se uma adjacência da missão de São Borja. Ver: Baptista, Jean T.. O temporal: sociedades e espaços missionais. *Dossiê Missões*, v. 1. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2010, p. 110-119.

16 Depois de épocas conturbadas, envolvendo traslados e perdas demográficas como produto de epidemias, guerras e fugas, as reduções viviam, nesta época, um período de estabilidade. Sua população girava em torno de 100.000 índios, e seus povoados, ervais, estâncias de gado e terras de cultivo, estendiam-se por áreas das atuais repúblicas da Argentina, Uruguai, Paraguai

davia, nas circunstâncias a que nos referimos, elas viviam uma crise sem precedentes, relacionada principalmente às reformas imperiais conhecidas como “reformas borbônicas”. Essas medidas faziam parte de um projeto de reforço do poder da monarquia, e culminaram na expulsão, por Carlos III, dos jesuítas dos domínios espanhóis em 1767. E era justamente em nome deste rei que os corais de guaranis, poucos anos antes, cantavam:

*Y pues que há dado à la España
Tan grandes Reys, el Cielo
Todos digan, Todos griten
Con voces y con esfuerzo:
Viva El Rey, viva la Reyna,
Viva Espana con sus Reynos,
Viva la Reyna Maria Amalia
Viva El-Rey Carlos Tercero
Y pues há dado à la Espana
Tan insigne Rey, el cielo,
Todo Espanol diga y clame
Viva Don Carlos Tercero.*¹⁷

Realmente, desde 1750, quando o Tratado de Madrid foi assinado entre os monarcas ibéricos, as comunidades das reduções tinham vivido fortes sobressaltos; algumas delas, diretamente atingidas pelo acordo, inclusive conheceram dias de guerra terminados há menos de cinco anos. Por isto mesmo, quando em novembro do ano da Graça de 1760, *San Francisco de Borja* comemorou a coroação de Carlos III, o evento se revestiu de especial significado, tema que é objeto de análise deste trabalho.

2 “VIVA EL-REY CARLOS TERCERO”

Como apontamos anteriormente, iniciando-se em 4 novembro de 1760, uma série de festejos foram feitos, em São Borja, em honra do monarca que havia sido coroado no ano anterior. Primeiramente previstos para ocorrerem ao longo de 11 dias, eles acabaram estendendo-se até o dia 24, a fim de seu término coincidir com o aniversário da Rainha Maria Amália¹⁸.

e Brasil. Concessões especiais e vários serviços prestados pelos guaranis às autoridades, como, por exemplo, nas investidas contra a colônia de Sacramento, garantiram vantagens que contribuíram para a prosperidade econômica das reduções, como a exoneração do pagamento de alguns tributos.

17 Breve relación de las fiestas reales de S. Borja ..., AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 9.

18 Señalaronse 11 días de fiestas, desde el 4 de noviembre, (...) hasta el 14. (...) y el 24, día del cumple de nra reina (...) y con esso se acabaron los 20 días de fiesta com grande alegría (...) de todos. Breve relación... AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 1, 8 e 9 respectivamente.

Segundo o autor do relato que historiou os acontecimentos, geralmente os indígenas executavam danças pela manhã e pela tarde e, à noite, cantavam óperas enquanto aos soldados cabia encenar comédias¹⁹.

Três corais provenientes das missões de *Martires, Trinidad e San Tomé* participaram da ocasião; eram 170 homens, rapazes e meninos²⁰, que chegaram acompanhados de harpas, violinos, violões e clarins, entre outros instrumentos. Eles entraram na missão na véspera do início das celebrações, dia 3, portanto, numa performance que foi recebida com animação²¹:

Llegaron todos juntos el día 3. Entraron en el Pueblo al son de sus clarines, chirimias y cajas, todos en orden, causando grande movimiento a todos los militares y vivanderas. Con este concierto, acompañados de todos entraron en la iglesia [...]. Allí con grande devoción rezaron y cantaron en su lengua y por arremate cantaron el Alabado en castellano²².

A praça havia sido preparada com guirlandas de flores e outros elementos de “arquitetura efêmera” (Martins, 2006) que habitualmente eram produzidos para eventos como este. Também a noite foi enfeitada com uma iluminação peculiar de maneira que “a todos parecia haver salido el resplandor del día” (Apud: SEMPÉ, 1983, p. 138). Assim, os guaranis e os jesuítas responsáveis pelas reduções, colaboravam para solenizar a chegada ao trono do governante que, paradoxalmente, seria o responsável pelo decreto que determinou a sua expulsão anos depois.

Não existem registros conhecidos de festas de coroação de Carlos III em outras reduções semelhantes ao relatado para San Borja, mas é bastante provável que elas tenham acontecido, mesmo mais modestas e sem a presença de autoridades como Ceballos. Isso porque homenagens aos reis faziam parte da tradição das missões jesuíticas em que, embora o calendário festivo fosse predominantemente religioso, também eram organizadas ce-

19 *Breve relación...* AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 7.

20 Eram 101 homens casados e 69 rapazes e meninos entre 5 e 16 anos. *Breve relación...* AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 1.

21 De acordo com o documento anônimo que serve de principal fonte para esta reflexão, a visita aconteceu atendendo a um pedido de Cevallos, que determinou que os músicos fossem hospedados e recebessem, todos os dias, “pan, legumbres, maiz y carne con abundancia”. *Breve relación...* AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 1. Contudo, segundo Bohn Martins (2006) era comum que os corais das diferentes missões colaborassem com as festas, umas das outras. Havia, inclusive uma normatização sobre estas visitas a partir do Regulamento Geral das Doutrinas de 1689 do Padre Tomás Donvidas, que regulou a participação de convidados e músicos dos diferentes povoados. Ver: Martins, M. Cristina Bohn. *Sobre festas e celebrações*. As reduções do Paraguai. Séculos XVII e XVIII. Passo Fundo: EDUPF/ANPUH RS, 2006, p. 198.

22 *Breve relación de las fiestas reales de S. Borja...* AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 2.

lebrações por motivos políticos ou “civis”, especialmente quando envolviam a Família Real. Nessas ocasiões, elementos religiosos (missas, procissões, bênçãos) e profanos (desfiles, danças, música, representações e demonstrações de lealdade ao rei) aconteciam de forma integrada.

Essa união entre religião e política não era exclusiva das reduções jesuíticas. Em toda a Monarquia Católica espanhola, o poder do rei era legitimado pela religião, de modo que as festas funcionavam como uma manifestação simultânea de fé e de fidelidade ao soberano. Celebrar o rei era também um ato religioso, e celebrar a religião fortalecia a autoridade da monarquia. Dessa forma, as festas serviam tanto para expressar devoção quanto para reafirmar a ordem política e social vigente. (Martins, 2006).

De acordo com Guillermo Wilde, uma intensa vida ritual inerente às atividades diárias nas missões, “revestía a los mecanismos políticos y económicos de un carácter simbólico naturalizando, de esta manera, el orden social, y contribuyendo a hacer deseable lo obligatorio” (2001, p. 80). Também M^a Cristina Bohn Martins lembra que as atividades cotidianas estavam fortemente ritualizadas nos povoados (2006, p. 49). Estas situações:

[...] representan siempre la jerarquía y la precedencia de cada cargo, con sus insignias y emblemas identificatorios, todos éstos, símbolos eficaces orientados a la legitimación del orden social. También ofrecían un espacio de recreación de vínculos sociales. Especialmente entre aquéllas que se celebraban una vez al año. Implicaban verdaderas suspensiones de la rutina por varios días. Así, por ejemplo, fiestas como las del Santo Patrón, conllevaban simultáneamente una normalización de las jerarquías internas y una revitalizaban los lazos comunitarios, actualizando obligaciones y derechos de los diferentes actores (Wilde, 2001, p. 80-81).

Mesmo as festas cívicas organizavam-se incorporando vários ritos religiosos e estavam saturadas de uma linguagem de base nitidamente cristã. O que é singular na situação aqui descrita, é o papel central que ocuparam, nesta festa em particular, as autoridades leigas presentes em São Borja, ficando os padres relegados a uma condição secundária em um cenário em que haviam tido protagonismo até então.

Na celebração de 1760, não participaram as milícias guaranis que, organizadas em infantaria e cavalaria e podendo reunir até 500 homens, nas festas civis desfilavam pela praça carregando os estandartes dos cabildos e das missões²³. Porém, se faltou o desfile das milícias, várias foram as

23 CARDIEL, Jose [1771]. *Las misiones del Paraguay*. Edición de Héctor Sáenz Ollero. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 170, p. 21-45, julho de 2026.

homenagens ao monarca. Um dos soldados anotou em verso sobre touradas em que “*toro bruto y caballero, celebraron a Carlos el Tercero*” (Apud: Sempé, 1983, p. 142). Outras diversões também foram registradas, como três óperas de “elevado caráter moral”, “*sin mesclar en la fiesta acción mundana*”. Os índios cantaram óperas e dançaram inúmeros bailes, de forma que “*de tarde y de mañana siempre se bailaba*” (Apud: Sempé, 1983, p. 142).

É justamente a tentativa de compreender os dados anteriormente apresentados acerca de determinadas singularidades dos “faustos reais” de Carlos III que constitui o escopo desta reflexão, desenvolvida a partir das informações contidas no relato anônimo produzido em 28 de novembro de 1760²⁴.

3 UMA DÉCADA CONTURBADA: “TODO ES UN ALBOROTO, Y ME TEMO QUE DESCARGARÁN SOBRE NOSOTROS”

Como dissemos, os festejos de 1760 transcorridos em São Borja, pertenciam a uma categoria de cerimônias que podemos chamar de civis. Ao longo do período colonial, nas cidades principais, e nas reduções, nascimentos, coroações, bodas e vitórias militares da monarquia, mereciam elaboradas celebrações.

As notícias sobre tais acontecimentos eram anunciadas aos súditos das colônias por decretos reais que por vezes chegavam com um ano ou mais de atraso - caso do evento em análise -, ordenando as cerimônias e demonstrações de alegria e lealdade. Era comum a presença de elementos teatrais, como o desfile público do estandarte real, torneios, touradas e outros tipos de diversões populares, assim como banquetes e peças teatrais. Mesmo localidades pequenas e pobres, podiam fazer ocorrer as suas próprias festividades, ainda que modestas. Foi assim quando da coroação de Carlos III, quatro anos depois da derrota dos guaranis na guerra que moveram contra a decisão de transmitir os povoados da margem esquerda rio Uruguai.

O acordo que foi celebrado em 1750 reconhecia a expansão territorial lusa na área destas missões, a qual seria cedida para Portugal em troca

Madrid: Historia 16, 1989. p. 136). Nas missões as praças eram o espaço público e aberto em que transcorriam atividades cívicas, religiosas, culturais e esportivas; nelas se realizavam as celebrações de colheitas, os desfiles militares, as procissões, os teatros sacros, os jogos esportivos e se exercia a justiça.

24 O documento não está assinado, mas Moarci Sempé (1983), que o transcreveu, sugere que tenha sido produzida pelo P^r José Cardiel que estava em São Borja naquela oportunidade. Cardiel foi uma das vozes mais enérgicas entre os jesuítas que se manifestaram contrariamente ao Tratado de Limites de 1750.

da Colônia de Sacramento²⁵. Mais especificamente, passariam para a Coroa portuguesa sete missões situadas no território do atual Rio Grande do Sul, entre os quais estava São Borja. Mas a decisão atingia indiretamente a outros, haja vista que prejudicava o acesso aos seus ervais e estâncias.

Para a monarquia espanhola, os termos do tratado contribuiriam para desarticular o comércio irregular praticado por portugueses e ingleses através do Rio da Prata, drenando, por meio do contrabando, rendas que eram imprescindíveis para enfrentar o crônico déficit fiscal do reino (Vassalo, 2017, 2020). Decidida a permuta, foi ordenado aos padres que transladassem os moradores de São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio para a margem ocidental do Uruguai, reconstituindo-as de forma a ficarem dentro dos limites de jurisdição espanhola. Os guaranis poderiam levar consigo suas armas, ferramentas, utensílios e rebanhos, recebendo uma indenização pelo que ficava para trás²⁶.

Quando as negociações levadas a efeito pelas autoridades se tornarem públicas, as dificuldades práticas de conduzir a operação e os rumores sobre o destino que estaria reservado aos índios, fizeram estalar a sua oposição. Depois disto, organizados a partir de sua experiência prévia como “milicias del rey”, alguns povoados se rebelaram e seus moradores deram início a uma guerra contra as forças espanholas e portuguesas.

A oposição mais decidida partiu dos moradores de São Miguel e São Nicolau, mas a resistência que se espalhou por outros povoados, desestabilizou as negociações do tratado que acabou nunca sendo executado. Contudo, os acontecimentos que o cercaram, lançaram fortes suspeitas sobre a participação dos jesuítas na reação dos indígenas. Estas desconfianças foram alimentadas pelas iniciativas dos padres no sentido de, por meio de cartas e informes diversos, tentar demover as autoridades da decisão de forçar a retirada dos “Sete Povos”. Tais circunstâncias geraram uma profusão

25 Praça comercial fundada na margem oriental do Rio da Prata, em frente ao porto de Buenos Aires, Sacramento foi um facilitador das práticas de contrabando dos portugueses e via de acesso de seus comerciantes à prata de Potosi. Além disso, seus habitantes eram competidores quanto ao gado selvagem, em um contexto em que a rarefação dele passava a ser reclamada com insistência pelos colonos. As investidas militares castelhanas para desalojar os rivais da cidadela nunca obtiveram resultados permanentes, e este será um ponto de fricção entre as monarquias ibéricas, até o final do século XVIII. De acordo com González Mesquita (2015, p. 112), depois de 1680 quando Sacramento foi fundada, a região esteve sempre presente nas preocupações da Coroa e em diversos tratados.

26 Ver na *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna del Río de la Plata* (1919) editada por Pedro de Angelis, os artigos 13 a 16 e 23 que contêm as estipulações referentes às reduções.

de notícias acerca de presumidas riquezas existentes nas missões, das quais os inacianos se aproveitariam em benefício próprio, mas, especialmente, alimentaram denúncias contra suas supostas tendências autonomistas²⁷. Segundo críticos dos jesuítas, as missões do Paraguai na prática, estavam fora da jurisdição das autoridades do reino e submetidas aos jesuítas que exploravam o trabalho índios em seu favor.

Realmente, sustentada por práticas agrícolas que os guaranis desenvolviam tradicionalmente, acrescentadas da exploração de erva mate e da pecuária, a exitosa economia das reduções se destacava em uma área pobre e marginal. Tal inserção na vida civil, fazia da Ordem uma rival dos setores “criollos” da sociedade que a consideravam uma competidora desigual, haja vista contar com a mão de obra dos índios e isenções tributárias. Tal realidade trouxe aos jesuítas a antipatia dos colonos que se sentiam lesados.

Não é demais recordar que as acusações de que a proeminência dos jesuítas sobre os habitantes das missões usurpava a do soberano, e que eles haviam promovido e organizado a rebelião em causa própria, se desenvolviam na esteira do anticlericalismo em curso na Espanha. De fato, ao longo do XVIII, com especial ênfase na época em que governou Carlos III (1759-1788), foram realizados ambiciosos projetos buscando modernizar a administração do Reino, recuperar sua economia e reforçar a autoridade monárquica. Entre as ações tomadas neste sentido estiveram medidas para diminuir o poder político e econômico da Igreja e do clero no Novo Mundo. Várias delas contiveram as faculdades da Igreja, tais como a proibição de publicar documentos pontifícios no império espanhol sem a prévia autorização do monarca, a limitação do direito de asilo nos templos e as restrições sobre a imunidade pessoal dos padres. Mas, sem dúvida, a de maior impacto foi a que envolveu a expropriação dos bens da Ordem e sua expulsão da Espanha e de suas colônias em fevereiro de 1767, para a qual a incriminação dos jesuítas relativamente aos fatos acima descritos, foi decisiva.

27 Os eventos aqui rapidamente repertoriados foram e são estudados a partir de uma enorme massa documental elaborada durante os anos da resistência guarani e do conflito em si, cuja gravidade deu lugar a produção e circulação de abundante correspondência entre jesuítas, comissários designados para executar o tratado, governadores e ministros de Estado. Mais recentemente passaram a ser analisados textos produzidos pelos próprios guaranis, redirecionando a atenção, que foi tradicionalmente concedida quase de forma exclusiva aos jesuítas, como protagonistas destes eventos. É impossível, porém, e foge aos objetivos deste trabalho, inventariar tal produção. Desta forma, sugerimos duas produções recentes, que não apenas realizam uma boa revisão historiográfica sobre o tema, mas também o estudaram a partir de renovadas bases teóricas e metodológicas. Neumann, Eduardo. A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai. *História Unisinos*, vol. 11, n. 2, 2007, pp. 160-172 e Quarleri, Lía. *Rebelión y guerra en las fronteras del Plata*. Guaraníes, jesuítas e impérios coloniales. Buenos Aires: FCE, 2009.

Desta forma, a Sociedade de Jesus, criada sob o signo da modernidade e renovação, aparecia agora simbolizando tradições na contramão da reforma e do progresso que as reformas bourbônicas pretenderam alcançar. As tendências de “modernização”, embora já tivessem conhecido um período de elaboração e maturação²⁸, seriam especialmente caras a Carlos III e seus ministros, monarca cuja chegada ao poder foi saudada em São Borja naquele 4 de novembro.

4 OS JESUÍTAS, OS ÍNDIOS E OS CONFLITOS NO RIO DA PRATA: O PREÇO DA PAZ

No Rio da Prata, o Tratado de Madrid foi recebido com espanto e desconcerto e, tanto os jesuítas como as autoridades das jurisdições de Buenos Aires, Paraguai e Tucumán, encaminharam correios solicitando serem escutados sobre suas determinações. Muitas destas cartas circularam dentro dos espaços americanos, mas algumas se dirigiram a interlocutores europeus. Segundo Lia Quarleri, as primeiras demandas dos padres pedindo a revisão do acordo, foram dirigidas “*al virrey del Perú y a la Audiencia de Charcas. Luego a los comisionados nombrados [...] para poner en practica el tratado en el Río de la Plata. Más tarde al confesor real y por último a Fernando VI*” (Quarleri, 2009, p. 130).

Uma avaliação em retrospectiva permite verificar o quanto os jesuítas do Paraguai e seus superiores europeus avaliaram de forma distinta os eventos em curso. Enquanto os primeiros expressavam temor de que a execução do acordo resultaria em perigosa quebra da confiança dos índios quanto a eles (condição necessária para a viabilidade das missões), os segundos se mostravam temerosos quanto à repercussão que as ponderações dos colegas do Paraguai teriam na Europa. Eles, realmente:

[...] desoyendo las directivas de las autoridades de la orden, argumentaron contra el tratado, ya que creían poderosamente en su injusticia y se sentían afectados y comprometidos con quienes compartían cotidianamente su vida. [...] la lejanía les proporcionó cierta inconsciencia [...], en especial sobre cómo eran leídas sus críticas en la escena política europea, y por esto es que insistieron en advertir

28 Este ambiente não estava restrito à Espanha, mais diretamente submetida à influência das correntes iluministas francesas. Como se sabe, também em Portugal muitas vozes creditaram o atraso do país à influência dos jesuítas. A mais destacada delas, do Marquês de Pombal, era especialmente crítica quanto a situação das populações indígenas que, no Brasil, viviam sob a tutela dos religiosos. Seu entendimento do papel pernicioso dos jesuítas levou à expulsão deles do Brasil, em 1759. A nova orientação será, então, a de assimilação dos índios à sociedade colonial.

sobre las complejidades del traslado y los errores en que se incurriría con la permuta de los territorios (Quarleri, 2009, p. 145).

Assim, as manifestações dos jesuítas fortaleceram a suspeita de que eles nutriam a rebeldia dos índios. Enquanto a alguns se lançaram acusações sobre sua falta de empenho em fazer cumprir as ordens, outros foram denunciados como culpados de traição ao rei, como ocorreu com Luís Charlet, Tadeo Henis e Xavier Limp. Jose Cardiel, que, junto com o padre Limp participou, depois, das festividades de São Borja em 1760, foi punido ao assumir publicamente posições que se aproximaram da insubordinação.

Foi como residente desta missão que Cardiel, dois anos antes, escrevera sua *Declaración de la Verdad* (1758), uma contundente defesa frente ao que ele entendia ser uma campanha de difamação contra a Ordem. Pelas posturas que assumiu, reveladas em cartas onde desqualificava as determinações do Tratado, lhe foi imposta a pena de silêncio, proibindo que ele se pronunciasse sobre os episódios em curso; também lhe foi ordenado que ajudasse a pacificar os povoados e, como capelão, acompanhasse a tropa dos demarcadores.

Lope Luís de Altamirano enviado como emissário do Geral da Companhia ao Rio da Prata para fazer cumprir o acordo, foi parte do esforço em conter as perdas políticas resultantes da situação. Contudo, a suposição de que, a partir da determinação das autoridades, os padres cumpririam com a ordem de retirada dos povoados, não considerou a reação que viria dos guaranis. De algum modo esta compreensão equivocada decorria da imagem que os próprios jesuítas, através de inúmeras narrativas, haviam ajudado a construir, provavelmente superdimensionando a autoridade dos religiosos diante dos guaranis.

Cardiel, por exemplo, poucos anos antes, destacava sua postura “*tan sin rastro de rebelión, tan sin mostras de amotinarse, ni en sus pueblos, ni en el discurso de la función militar, que antes bien ellos son los que sosiegan cualquier motín de españoles*”²⁹. Valorizando de forma exagerada a ascendência dos padres e a obediência dos índios, não se considerou, portanto, o fato de que as reduções haviam se constituído a partir de um intrincado sistema de relações e negociações que implicavam, entre outras coisas, em concessões mútuas que eram construídas e testadas sistematicamente.

Enquanto a adesão dos cabildos de cada missão às ordens de transmigração foi obtida com menor dificuldade (uma vez que suas autoridades eram designadas diretamente pelos padres), mais delicada era a situação

29 Cardiel, Jose. Carta y Relación de las misiones del Paraguay [1747]. In: FURLONG, Guillermo, *José Cardiel y su Carta Relación*. Buenos Aires: Librería del Plata, 1953. p. 161

junto à cerca de meia centena de caciques que havia nas sete missões que deveriam ser desalojadas (Quarleri, 2009, p.151). Foram eles, em boa medida, que se manifestaram em cartas dirigidas ao rei, lamentando a medida e buscando a sua reversão:

Nuestro Santo Rey no sabe [...] lo que es nuestro pueblo ni lo mucho que nos ha costado [...] más de cien años hemos trabajado [...], nuestros padres y nuestros abuelos para [...] ponerlo en el estado que al presente tiene, habiendo todos tolerado [...] por tan dilatado tiempo increíbles fadigas hasta derramar nuestro sangre para concluirlo ... (Apud: Meliá, 1986, p. 186).

Foram notadamente estas lideranças que organizaram a resistência afinal derrotada em 1756. Vitoriosas, as tropas luso-espanholas avançaram no espaço das missões. Apesar de esporádicas tentativas de oposição dos índios, em maio daquele ano, o então governador, José de Andonaegui³⁰, ocupou, com 400 homens, São Miguel que tinha sido o centro da rebeldia. A partir desta redução, que encontraram vazia e em chamas, ele exigiu um certo “ritual”³¹ de rendição envolvendo os caciques e os curas.

Segundo o Procurador Geral da Companhia em Madrid, Juan de Escandón, atenderam ao chamado do governador o P^e Inocência Herber de São Luís, o cura ajudante de São João³², e Jaime Mascaro de São Borja (Escandón [1760], 1983, p. 331). Mas nem todos povoados manifestaram pronta obediência, como foi o caso de São Nicolau e São Lourenço. Esta última redução foi então ocupada por 800 homens e transformada em quartel geral do governador de Montevidéu. Enquanto isto, Gomes Freire de Andrade, governador do Rio de Janeiro e responsável pelas tropas lusas, instalou-se em Santo Ângelo, e Andonaegui, comandante das tropas castelhanas, em

30 Foi nomeado para o cargo de Governador de Buenos Aires em 1745, mantendo-se nele até 1756.

31 Não estamos fazendo referência a ritos no seu sentido de atos formais, e repetitivos, mas sim a acepções do campo da antropologia, entendendo que, através dos ritos, os atores sociais estão, de alguma maneira, manifestando simbolicamente valores e ideais sobre seu mundo. Assim também, como atos simbólicos que visam reproduzir e, ao mesmo tempo, atualizar a ordem social, criando e reforçando laços comunitários. Portanto, os ritos são aqui tomados como eventos cerimoniais, com implicações religiosas e simbólicas mas, também, políticas. Sobre isto ver: Turner, Victor. O Processo Ritual Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974. Langdon, Ester J. Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais. *Antropologia em Primeira Mão*. 2007. Disponível em: www.antropologia.ufsc.br/97.pdf Acessado em julho de 2010.

32 Luis Charlet, responsável pela redução de São João, alegou estar impedido pois se encontrava doente. (Escandón [1760], 1983, p. 331)

São João. Esta ocupação representou um divisor de águas na história das reduções e os rituais de obediência ordenados revelaram uma nova relação de forças. As missões não gozariam mais da posição que haviam desfrutado, e os guaranis e seus curas estavam agora sob a sujeição dos governadores.

Anos mais tarde, em 1757, São Francisco de Borja, recebeu o recém-empossado governador Dom Pedro Antônio de Ceballos, novo capitão geral e máxima autoridade para levar adiante o processo de demarcação e permuta de territórios, então em compasso de espera. Em sua marcha para São João, onde estava instalado o quartel general dos espanhóis, ele foi recepcionado pelos padres que buscaram apresentar um quadro de obediência e cortesia ao novo mandatário.

Mais uma vez, foram realizadas cerimônias para receber os novos governantes. É possível que essas cerimônias fossem parecidas com a que aconteceria três anos depois. No entanto, uma coisa é certa: os corais e as apresentações dos guaranis já não eram feitos para celebrar suas próprias comunidades. Por causa da nova situação política, passaram a homenagear novas figuras de poder, que se tornaram os principais destinatários dessas celebrações.

Podemos sugerir que, por parte dos jesuítas, tais ações constituíam uma estratégia voltada à conquista da boa vontade das autoridades coloniais. Essa interpretação é reforçada pelo manuscrito anônimo consultado para este trabalho, que ressalta a impressão favorável causada pelos indígenas entre os militares presentes no povoado, bem como o reconhecimento de sua lealdade à Coroa. Segundo o relato, era evidente a mudança de percepção dos soldados e do governador em relação tanto aos guaranis quanto aos padres: “antes los tenian por unos bárbaros sin cultura, ni enseña, inabiles pa todo, y sin reconocimiento al Rey, ni a Superiores, y daban la culpa a los PP. Ahora dicen q son muy habiles y tienen reconocimiento al Rey³³.”

Nos meses conturbados que se seguiram ao final da guerra, muitos índios deixaram as reduções. Alguns se dirigiam para as cidades onde podiam exercer ofícios que haviam aprendido nas missões e entrar em contato com costumes que os jesuítas haviam tentado banir como os jogos de azar e o consumo de álcool. De outro lado, os povoados em que, desde a época das primeiras fundações, no século XVII, a presença de hispano-americanos era controlada, passavam a conviver agora com tropas de soldados³⁴. O do-

33 *Breve relación de las fiestas reales de S. Borja...* AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 9 e 10.

34 As informações da *Breve Relación* quanto às atenções dos soldados para com os índios mais jovens, sugere alguma forma de assédio, o que não pode, entretanto, ser mais que aventado: “Desde as primeiras representações começaram a festejá-los. Todo o dia (...) estavam lhes dando pão, passas, figos, biscoitinhos, açúcar, (...) e alguns davam-lhes pesos inteiros em uma

cumento produzido em São Borja em 1760, nos fala, inclusive, da presença de “vivandeiros e peões”, o que está em desacordo com o que era, até então, o direcionamento dos jesuítas que buscavam, na medida do possível, limitar os contatos dos guaranis com a sociedade colonial que viam como fonte de maus exemplos.

A configuração das festas na missão naquela oportunidade, vai ao encontro do que sabemos sobre o papel do cerimonial nas sociedades do Antigo Regime, em que ele não é apenas uma interpretação metafórica ou especular da ordem, mas ajudava diretamente a instituí-la. Sobre isto, Wilde (2003, p. 26) assegura que *“el cerimonial, en tanto que representación, debía reflejar el orden mismo de las cosas”*. Além disso, tal como se observa aqui, as festas podiam ser ocasiões propícias para disciplinar os conflitos e apaziguar arestas e tensões que agitavam as sociedades.

A condução da situação pelos padres nos termos aqui narrados, pode ter acarretado resultados positivos, mas que não tiveram maior consequência. Como dissemos, o novo governador instalou-se em São Borja onde o encontramos nos festejos em homenagem ao rei recém coroado. Da boa impressão causada pelas recepções que recebeu e da situação de abandono em que se encontravam os povoados, resultou, por parte de Ceballos, uma postura menos hostil aos jesuítas, do que havia tido seu antecessor.

5 “A PRAÇA FOI COBERTA DE ARCOS”: SÃO BORJA, NOVEMBRO DE 1760

São Borja foi a primeira das missões fundadas na “reentrada” dos jesuítas na margem oriental do rio Uruguai, área que tinha sido abandonada nos anos 1630, diante das investidas bandeirantes. Este fato está associado à situação de *Santo Tome*, cujo crescimento populacional determinou a necessidade de instalar parte de seus moradores em um novo povoado. Assim, pouco mais de 50 anos depois de terem se retirado do Tape, cerca de 190 pessoas deixaram esta missão junto com o P^{re}. Francisco Garcia, para iniciar o novo assentamento. Como parte desta iniciativa, o grupo provavelmente realizou alguma cerimônia para estabelecer laços simbólicos com o novo povoado.

Podemos conjecturar que estes eventos tenham sido semelhantes ao

peça. Cada dia os oficiais levavam-nos à sua mesa no refeitório onde todos têm mesa à custa do Rei e acodem a ela ao som de sinos. Ali cada oficial tinha dois ou três rapazes como seus convidados. Os soldados continuamente vinham aos padres para pedir-lhes licença para levar rapazes e dar-lhes de comer em suas mesas em seus quartéis” Apud: SEMPÉ, [1760] 1983: p. 152-153.

que ocorreu, poucos anos depois, em 1697, quando foi fundada a missão de São João Batista, episódio que podemos acompanhar pelo relato do P^e Antônio Sepp ([1692], 1980), que vem a ser a única descrição conhecida sobre um acontecimento dessa natureza.

Segundo ele, com assentimento dos “caciques principais” de São Miguel quanto à necessidade de fazer migrar parte das famílias da redução, pois sua igreja não comportava mais os fiéis do povoado e faltavam campos de cultivo suficientes nos arredores, 21 deles, acompanhados de 750 pessoas, seguiram-no para estabelecer uma nova missão. A partida do grupo foi solene e envolveu elementos de sensibilização coletiva:

Montávamos cavalos bem ajaezados; os caciques [...] levavam fascas e o capitão [...] estava munido de um bastão, insígnia de supremo juiz. Retumbavam as trombetas e flautas. [...] pelo entardecer, se nos abriu suavemente a terra, em [...] um outeiro cercado de [...] bosques. Nestes abundava a madeira necessária não só para combustível, como para construir as casas dos índios, a igreja e a minha moradia [...]. [Averiguamos] a situação do lugar, se era palustre, arenoso etc., a que ventos estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigado por riachos [...]; a salubridade [...], qualidade da argila para o fabrico das telhas e tijolos [...]. E assim [...] por consenso de padres e índios, resolvi [...] lançar os fundamentos da vila”³⁵

A descrição permite verificar o caráter solene dos atos que marcavam o início de um novo povoado, pondo presumir-se que a cerimônia oferecesse, para os guaranis, um meio de estabelecer vínculos com o novo espaço. Depois, celebrações e visitas posteriores afiançariam aqueles já firmados com os parentes que ficavam no povoado original, e com a memória dos antepassados. Isto é, o rito operava aí como mecanismo de reforço de alianças baseadas no parentesco e na memória:

Na outra manhã [...] subimos o outeiro onde erigimos [...] a Cruz, em sinal da tomada de posse daquela terra, [...] em seguida foi cantado o hino [...] acompanhado por trombetas e tímpanos pelo músico que, para este fim, trouxera comigo; depois [...] o beijamos, agradecendo [...] os benefícios que nos concedera”³⁶.

Após exaltar as qualidades da terra e convocar os povoadores a acolhê-la e torná-la produtiva, Sepp dividiu os terrenos entre os caciques e

35 Sepp [1692], 1980, p. 203.

36 Sepp [1692], 1980, p. 203.

mandou erguer “*uma cruz a guiza de marco [...] além da qual não era permitido avançar*”. Depois, lançou “*sobre a nova colônia a costumada benção dos campos, para expulsar os demônios que, por causa da infidelidade destes gentios, habitavam [...] estes lugares*”³⁷.

Possivelmente, assim como estes, outros laços simbólicos foram tecidos entre os índios e seus povoados. Sabemos, por exemplo, que as atividades de plantio e colheita envolviam seus próprios rituais, assim como a construção e consagração da igreja e das capelas dispostas pela região. Além disto, as festas de “padroeiro” eram especialmente importantes: momento de pedir proteção ou agradecer por alguma intercessão especial. São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Lourenço, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo, foram assim homenageados nos dias de sua evocação, em cerimoniais que deviam reforçar conexões que começavam a ser construídas já nos ritos de fundação.

Portanto, embora isto não estivesse evidente para as autoridades civis, a opção por abandonar seus povoados, segundo previa o Tratado de Madrid, envolvia, para os guaranis, muito mais que uma mera transferência de lugar, ou a obediência às razões de Estado. Cada qual era um espaço construído a partir do que suas populações viviam ali (Santos, 2006).

As missões também comemoravam as principais festas do calendário cristão, sendo Corpus Christi, com a retirada do Santíssimo dos altares e seu percurso pelos espaços da missão, o ponto alto do ciclo festivo anual. Padres, caciques e membros do cabildo ocupavam lugar central na cerimônia que, como, nas cidades, obedecia a um posicionamento hierárquico dos diversos membros da coletividade, segundo sua procedência e dignidade. Como vimos, este protagonismo de guaranis e jesuítas não se apresentou na homenagem a Carlos III.

Em muitos destes eventos, quando havia condições, eram oferecidas pelos “principais”, “comidas públicas” (os “banquetes” de que fala a *Relación* de 1760), aos seus parentes e, se fosse o caso, aos visitantes. Arcos inclusive costumavam ser erguidos para ornar ruas e praças, e os caminhos próximos eram enfeitados para aguardar a chegada das visitas³⁸. Grandes

37 Sepp [1692], 1980, p. 208.

38 A Anua de 1634, por exemplo, registra: “*Por octubre vino el Padre Provincial a visitar estas reducciones y sabiendo los Indios que venía fue grande la alegría [...] y [...] y hicieron [...] un castillo [...] vistoso. Aquí vinieron a recibirle todos los principais casiques, en lo alto del castillo estaban los instrumentos que ellos usan, que son unos calabazos que atruenan al ayre. En lo bajo estaban asientos para el Padre Provincial y para los que iban con el [...] y despues vino un niño y can[tou] unos versos y le dio la bien venida en nombre de todos*” Carta Ânua das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, pelo Padre Pedro Romero ao Provincial Diego de Boroa. In: *Manuscritos da Coleção de Angelis III - Jesuítas e Bandeirantes no Tape*. (1615-1641) - RJ, Biblioteca Nacional, 1970, p. 67.

mesas eram instaladas nas praças ou nos pátios e arcadas das casas, sendo cada uma dirigida por uma autoridade, caciques e corregedores³⁹. Cada cacique servia em sua mesa o melhor de que dispunha, segundo a tradicional obrigação de ser generoso para com seus liderados. Segundo o P^o Peramás “*para que la comida fuese más espléndida se distribuían [...] algunos víveres del fondo común*” (Apud: Fernández Herrero, 1992: p.363). O padre fazia a benção dos alimentos, e os corais cantavam para os participantes; finalmente, ao fim do dia, uma “ação de graças” era rezada para agradecer pelos alimentos disponíveis.

Ocasões de comensalidade costumavam ser complemento das festas mais importantes. Quando do estabelecimento de São F^{co} Xavier em 1633, na primeira fase de constituição das missões entre os guaranis, por exemplo, o trabalho de erguer a cruz do povoado foi saudado com muita alegria, sendo seguido de uma refeição coletiva para animar os índios na edificação das casas da missão⁴⁰.

Estes rituais confirmavam o prestígio dos caciques que presidiam as mesas e davam oportunidade para o estreitamento de relações de amizade com os convidados, o que era ainda favorecido pela distribuição de presentes. Facas, navalhas, pentes, chapéus, contas de vidro, ou ainda sal, erva e tabaco, “*cosas todas que ellos estiman mucho*”, eram repartidos entre os convidados⁴¹.

Em meados do século, diante da percepção por parte das autoridades da Província, de que se criara uma certa rivalidade entre as missões quanto aos eventos festivos que organizavam, foi estabelecido um “Regulamento Geral das Doutrinas” (1689) disciplinando as visitas. O artigo 14 determinava a rede de convites permitidos, o que ajuda a compreender a participação da gente de São Tomé nos festejos reais de São Borja em 1760: “*En el celebrar las fiestas, las Doctrinas de Loreto, Corpus y San Ignacio se corresponderán entre sí y no con otras. Las de Santa Ana, Candelaria y Itapúa se corresponderán entre sí y no con otras. Las de San Javier, los Mártires y Santa María, se corresponderán entre sí y no con otras. San Nicolás, San Luis y San Miguel se corresponderán entre sí y no con otras. Asimismo, Santo Tomé y San Borja se corresponderán entre sí y no con otras: y lo mismo La Cruz y Yapeyú*” (Apud: Hernández, [1689], 1913, p. 594).

Doravante, MCA III.

39 “*Casi en cada fiesta [...] hay banquetes [...]. Hácenlos, no dentro de sus casas, sino en los soportales. Disponen [...] mesas en diversos sitios: de cada una cuida uno de los principales que señala el Padre. Dales el Padre por la mañana una vaca para cada mesa. Ellos la aderezan en su casa; y añaden de sus bienes batatas, mandiocas y legumbres*” (Cardiel, *Breve Relación*, [1771], 1989, p. 136).

40 MCA III, 1970, p. 67.

41 Cardiel, *Breve Relación*, [1771], 1989, p. 143-144.

O documento traz, também, outras restrições: “No se conviden [...] los acólitos ni los músicos de otras Doctrinas, sino solas dos ó tres voces buenas, si la Doctrina en que se celebra la fiesta carece de ellas. Los Corregidores y gente principal de las Doctrinas que se corresponden se podrán convidar (Apud: Hernández, [1689], 1913, p. 594). Estabelecia-se, assim, até onde podiam chegar os convites e a quem poderiam se dirigir: autoridades e, eventualmente, músicos das reduções mais próximas. Na celebração em homenagem a coroação de Carlos III, contudo, esta regra foi desconsiderada, tendo havido 170 músicos visitantes (Apud: Sempé, 1983, p. 142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das festas e celebrações que marcaram a história das missões do Paraguai a partir de sua documentação mais “clássica” – especialmente as Cartas Anuas, as Crônicas e Histórias da Companhia de Jesus – indica de forma clara a centralidade da participação de caciques e suas famílias, corregedores e jesuítas em tais eventos (MARTINS, 2006). É nesses que concentra o protagonismo nas festas, ao contrário do que podemos perceber na comemoração de 1760, em que coube ao governador presidir os momentos principais. Nesta comemoração também não se registra a presença das milícias que, por décadas, tinham ocupado importantes papéis, inclusive atendendo às autoridades coloniais. Tal situação é compreensível, uma vez que seus componentes costumavam se apresentar exibindo o estandarte real e lançando aclamações ao Monarca, na presente situação estavam associados à rebelião recentemente derrotada.

É notável, também, no manuscrito de 1760, a ausência de referências aos caciques e membros do cabildo. Além disso, o “banquete”, tradicionalmente presididos por estas lideranças, é feito para os convidados de Pedro de Ceballos, e é dele a oferta de alimentos aos visitantes:

Chegaron todos juntos no dia 3. Entraram no Povo ao som de clarins, chirimias e caixas, todos em ordem, causando grande movimento em todos militares e vivandeiros que, excitados, saíam para vê-los. [...] Logo se encaminharam todos para apresentar-se ao general e receber suas ordens [...]. Agasalhou-os muito. [...] Mandou que todos os dias lhes dessem pão, milho, legumes e carne em abundância. Assim se fez”⁴²

Também é o governador quem determina as condições de hospedagem, sob o cuidado de guardas “para evitar desordem”, num tipo de refe-

42 Breve relación de las fiestas reales de S. Borja... AHU_ACL_071, cx1, d. 20, f. 1.

rência que a documentação jesuítica⁴³ não costuma registrar (Apud: Sempé, 1983, p. 144).

Parece claro que as homenagens a Carlos III introduzem elementos reveladores de uma nova situação, especialmente o deslocamento do protagonismo dos padres e caciques e membros do cabildo, para as autoridades militares; e, ainda, da própria comunidade para os “quarenta convivas” que participaram do “banquete”. Que os jesuítas se fizessem presentes nos eventos, ainda que, podemos supor, com certo desconforto, é fácil compreender. Do mesmo modo, que advertissem aos guaranis a que fossem receptivos. A situação que viviam era de enorme instabilidade e a lembrança da recente expulsão de seus companheiros dos territórios luso-brasileiros (1759), deveria representar uma ameaça latente.

Com efeito, poucos anos depois, o rei celebrado em São Borja decretou, por meio da Pragmática Sanção de 1767, o banimento da Companhia de Jesus de todos os seus domínios. Nos primeiros meses do ano seguinte, os funcionários do novo governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucareli y Ursua⁴⁴, chegaram a Yapeju e, dali, passaram a percorrer cada uma das missões para desalojar os antigos administradores e instaurar a nova situação de poder. A execução das ordens reais levou em torno de um mês; em julho todos os missionários estavam reunidos em Candelária, de onde foram, depois, levados a Buenos Aires e embarcados.

Também estes episódios estiveram revestidos de simbolismo e ritualidade, como que complementando os eventos de 1756 e 1760, que haviam exigido dos padres manifestação pública de obediência. De acordo com Guillermo Wilde, em 1756 um certo protocolo foi seguido em cada povoado, com as autoridades do governo sendo recebidas “*con música y comidas en las afueras de cada pueblo. Acto seguido, realizan la «entrada» [...] con aclamación al Rey en la plaza central y misas en la iglesia. Por último, los funcionarios [...] designan al administrador y al nuevo cura (más tarde confirmado mediante la “toma de posesión canónica”, y confeccionan los inventarios de bienes*” (Wilde, 2001, p. 84).

Os rituais envolvidos em tal cerimônia, estavam destinados a instituir e legitimar uma nova ordem da qual os jesuítas definitivamente não mais participavam, nem mesmo da forma pálida em que os havíamos encontrado naqueles dias em que durou a festa de coroação de Carlos III, em São Borja. A descrição de uma carta recolhida por Wilde, ajuda a compreender este argumento. Segundo ele, os membros do cabildo e demais povo-

43 Essa documentação, em especial as cartas, passavam por vários processos de edição até sua versão final em que prevaleciam aspectos de edificação.

44 Irmão do vice-rei da Nova Espanha, Antonio María Bucareli, ele foi governador de Buenos Aires entre 1766 e 1770, quando faleceu.

adores de São Miguel receberam os encarregados da execução da ordem de expulsão:

[...] con muestras de regocijo y fiesta, manifestándose en todo fieles [...] vasallos del Rey [...] y tenían prevenida una comida [...] abundante [...] la qual admití con buena voluntad, asistiendo en ella los oficiales que vienen conmigo, y Religiosos, y mientras se comió, toco la música, y cantaron en alabanza del Rey, la misma tarde [fuimos?] acampar a la inmediación de dicho Pueblo el cual estaba prevenido [...] en el pórtico de la Iglesia enarbolado el Real Estandarte, y un retrato de Su Majestad (Apud: Wilde, 2001, p. 84).

No dia seguinte, uma missa solene foi assistida por todos os religiosos, pelo cabildo e habitantes do povoado. Finalmente, à tarde, os habitantes da missão foram avisados de que chegara a hora de executar as ordens do Rei:

[...] y que ellos con su obediencia darían buen ejemplo a los demás Pueblos circunvecinos, y que para este efecto mandaba entrar la soldadesca [...] y luego [...] fue con el Cabildo adentro del Colegio haciendo entrar la Infantería y Dragones y mande [...] que juntase los Padres que allí había de la Compañía y [...] allí en presencia de los Oficiales y Cabildo les intimé el Decreto de su extrañamiento [...] y me retire con el Cabildo para explicarles en su lengua el Real Decreto [...] luego les presente a su nuevo Cura [...] a el cual reconocieron luego [...] (Wilde, 2001, p. 84).

Tratava-se de consagrar o resultado direto da autoridade do monarca ausente, que se presentifica pela força dos símbolos de seu poder, entre os quais as novas lideranças que exercem o mando em seu nome. Outros eventos deste tipo ocorreram nas demais reduções inclusive em São Borja⁴⁵. Portanto, se os festejos dirigidos à entronização de Carlos III em 1760 pretenderam asseverar a lealdade dos indígenas, inspirar boa vontade e reverter o descrédito da Companhia, eles não tiveram o resultado desejado.

Pode-se considerar que a nova situação foi sendo gradualmente processada por meio de um circuito iniciado com a cerimônia de reconhecimento da derrota dos guaranis, em 1756, ocasião em que se exigiu que os padres manifestassem publicamente sua obediência às autoridades civis de Buenos Aires. Em um segundo momento, em São Borja, em novembro de 1760, já com a missão ocupada pelas tropas do governador, comemorou-se

45 Além de Yapejú e San Borja, já citadas, em La Cruz, Santo Tomé, San Luis, San Nicolás e San Juan (Wilde, 2001, p. 86).

a coroação do novo monarca em festividades nas quais a participação dos jesuítas foi discreta, em contraste com o protagonismo de Pedro de Ceballos e de seus acompanhantes. Por fim, esse ciclo se encerrou com os rituais que marcaram a saída definitiva dos jesuítas das reduções guaranis, em 1767. A partir de então, as reduções passaram a ser administradas por novas autoridades, tanto civis quanto religiosas, consolidando uma tendência que já se delineava de forma clara desde o início da década, como se pode observar.

REFERÊNCIAS

- ANGELIS, Pedro de. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna del Río de la Plata*, 1836. Disponível em: <https://archive.org/details/coleccindeobrao5ange>. Consultado em maio de 2025.
- BAPTISTA, J. T. O temporal: sociedades e espaços missionais. *Dossiê Missões*, vol. 1, Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.
- BAPTISTA, Jean Tiago. Notas sobre a diversidade étnica e patrimonial nas missões indígena-jesuíticas – ou sobre quando se reduzem diversos povos indígenas a apenas um. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 19(2), 2024, 13 p. e20230061. doi:10.1590/2178-2547-BGO-ELDI-2023-0061. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/BxmZddWxBGvyKJnDLjJfDjg/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 21/03/2027.
- BREVE RELACIÓN DE LAS FIESTAS REALES DE SAN BORJA, 1760, Arquivo Histórico Ultramarino – AHU – ACL – CU – 071, Cx1, Doc. 20. Projeto Resgate.
- CARDIEL, Jose [1771]. *Las misiones del Paraguay*. Edición de Héctor Sáenz Ollero. Madrid: Historia 16, 1989.
- _____. Carta y Relación de las misiones del Paraguay [1747]. In: FURLONG, Guillermo, *José Cardiel y su Carta Relación*. Buenos Aires: Librería del Plata, 1953.
- CARTA ÂNUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI – 1659-1662. Organização, Introdução e Notas FRANZEN, Beatriz Vasconcelos, FLECK, Eliane C. D. e MARTINS, M^a Cristina Bohn. Cuiabá- São Leopoldo, Ed. da UFMT, OIKOS e Ed. da Unisinos, 2008.
- CARTA ÂNUA DAS MISSÕES DO PARANÁ E DO URUGUAI, relativa ao ano de 1633, pelo Padre Pedro Romero ao Provincial Diego de Boroa. In: Manuscritos da Coleção de Angelis III - *Jesuítas e Bandeirantes no Tape*. (1615-1641) - RJ, Biblioteca Nacional, 1970. (MCA III).

- CARTAS ÂNUAS DAS REDUÇÕES DO PARANÁ E URUGUAY DE 1634, ao P. Provincial Diego de Boroa. In: Manuscritos da Coleção de Angelis IV - *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai - (1611-1758)*, RJ, Biblioteca Nacional, 1970. (MCA IV)
- CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUÍTICA DEL PARAGUAY 1714-1720. 1720-1730. 1730-1735. 1735-1743. 1750-1756. 1756-1762. Edición de SALINAS Maria Laura y FOLKENAND, Julio. Asunción: Centro de Estudios Antropologicos de la Universidad Catolica (CEADUC) Biblioteca de Estudios Paraguayos - Vol. 112, 2016.
- CLASTRES, Pierre. La economia primitiva. In: *Investigaciones en antropología política*. Gedisa: Barcelona, 1996, pp. 133-152.
- CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, RJ, 1950-1953, 9 v.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martin Fontes, 2003.
- ESCANDON, Juan de. SJ [1760]. *História da transmigração dos Sete Povos Orientais*. Tradução de Arnaldo Bruxel. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1983.
- FERNÁNDEZ HERRERO, Beatriz. *La utopia de América*. Teoría. Leyes. Experimentos. Barcelona, Anthropos 1992.
- GONZÁLEZ MEZQUITA, María Luz. El Río de la Plata a comienzos del siglo XVIII: Estrategias y Propuestas en tiempos de guerra. Espacio, Tiempo y Forma. Serie 4, n. 28, Madrid, 2015, p. 71-98.
- HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización Social de las Doctrinas Guaraníes*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1913.
- _____. *Declaración de la Verdad*: Obra Inédita del P. José Cardiel, Religioso de la Compañía de Jesús. Buenos Aires Imp. de Juan A. Alsina, 1900.
- LANGDON, Ester Jean. Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais. *Antropologia em Primeira Mão*. 2007 . Disponível em: www.antropologia.ufsc.br/97.pdf . Acessado em julho de 2010.
- MARTINS, Maria Cristina Bohn. *Sobre festas e celebrações*. Reduções do Paraguai, séculos XVII e XVIII. Passo Fundo: UPF; ANPUH-RS, 2006.
- _____. As celebrações, a comunidade e o poder. Os faustos reais de Carlos III e os múltiplos sentidos das festas, *Artelogie* [Online], 4, 2013, posto online no dia 02 fevereiro 2013, consultado o 04 de maio de 2026. Disponível em: <http://journals.openedition.org/artelogie/6146>. DOI: <https://doi.org/10.4000/artelogie.6146>

- MELIA, Bartomeu, NAGEL, Liane. El tratado de Madrid y la Guerra Guaranítica. In: *Guaranies y jesuítas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica*. URI, CCM/ Santo Angelo; CEPAG, Asunción, 1995, pp. 223-238.
- _____. *El Guaraní. Conquistado y Reducido*. Ensayos de Etno-historia. Asunción: CEPAG, 1986.
- NEUMANN, Eduardo. A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai. *História Unisinos*, vol. 11, n. 2, 2007, pp. 160-172.
- POSSAMAI, PAULO C. De núcleo de Povoamento à praça de Guerra: A Colônia do Sacramento de 1735 A 1777. *Topoi*. v. 11, p. 23-36, 2010.
- QUARLERI, Lía. *Rebelión y guerra en las fronteras del Plata*. Guaraníes, jesuítas e impérios coloniales. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- SANTOS, Maria Cristina dos, BAPTISTA, Jean T. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). *História Unisinos*. v. 11, n. 2 - maio/agosto de 2007, 11.p.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SEMPÉ, Moarci Matheus. As festas reais de São Borja em 1760. V *Simpósio Nacional de Estudos Missionários – O espaço missionário*, Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1983, pp. 144-145.
- SEPP, Antonio [1692]. *Viagem às Missões jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Tradução de Wolfgang Harnish. Editora Itatiaia, BH; Editora da Universidade de São Paulo, SP, 1980, p. 201-202.
- TORRES LONDOÑO, Fernando. Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI. In: *Tempos do Sagrado. Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, v. 22, n. 42, 2002, pp. 11 – 32.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VASSALLO, Nahuel. Guerra en las fronteras: los bordes meridionales del Imperio Español y la dinámica del conflicto en las décadas centrales del siglo XVIII. *Revista Tefros*. Vol. 15, n.1, 2017, p. 41-68. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6047729>>. Acessado em 10 jul. de 2022.
- _____. “Las fronteras rioplatenses de la monarquía española: Buenos Aires, las guerras y las misiones jesuitas de Pampas, 1735-1742”. *Ler Historia*. n. 76, p. 9-30. 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/6842>>. DOI: <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.6842>. Aces-

sado em: 10 jul 2022.

WILDE, Guillermo. Los guaraníes después de la expulsión de los jesuita: dinámicas políticas y transacciones simbólicas. *Revista Complutense de Historia de América*. n 84, 2001, 69-106.

_____. Poderes del ritual y rituales del poder. Un análisis de las celebraciones en los pueblos jesuíticos de Guaraníes. *Revista Española de Antropología Americana*. n. 33, 2003, p. 203-229, p. 206.

Recebido em: 02/07/2026

Aceito em: 07/07/2026